

NOTAS SOBRE LÓGICA E DIALÉTICA NA *ENÉADA* DE PLOTINO¹

Loraine OLIVEIRA²

- RESUMO: Este trabalho objetiva caracterizar a lógica e a dialética, conforme a *Enéada* I, 3 [20] 4-5. Para Plotino, a lógica consiste em um conjunto de procedimentos que trata de proposições e silogismos. A dialética é um método que faz uso dos procedimentos lógicos. Mas é também uma disposição que permite compreender a estrutura do inteligível. Por conseguinte, é um caminho de ascensão rumo ao Uno. Neste sentido, tem um aspecto ético.
- PALAVRAS-CHAVE: Plotino; lógica; dialética; método; disposição; ética.

O intuito deste estudo é examinar o que Plotino entende por lógica e por dialética, especialmente em suas relações com a linguagem e a filosofia, no âmbito dos capítulos quatro e cinco do tratado *Sobre a dialética* (I, 3 [20]). Tais relações apontam para o que se poderia entender como uma tensão entre a discursividade própria da Alma, portanto também da alma humana, e a supradiscursividade, própria do Intelecto, uma vez que atingi-la para então contemplar o Uno é o objetivo da filosofia. Entrementes, sendo este o escopo da filosofia de Plotino, não se pode deixar de observar a relação entre dialética e virtude. Com efeito, os possíveis caminhos que conduzem o homem ao Uno têm um traço comum: a purificação da alma pela virtude.

1 Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Para as transliterações do grego, seguem-se em geral as normas estabelecidas pela SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos), todavia não é feita a notação diferencial das vogais longas e breves.

2 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM sob orientação de Fernando Rey Puente. Artigo recebido em set/07 e aprovado para publicação em dez/07.

Por este motivo, preliminarmente, são apresentados de modo sumário, temas dos outros capítulos do tratado, notadamente aqueles que pontuam a relação entre dialética e virtude.

Ainda é importante observar, a título introdutório, que a dialética recebe seus princípios do Intelecto, mas afigura-se como uma prática discursiva da alma humana, uma vez que sua função é conduzir a alma ao Uno/Bem ou primeiro princípio. Em grandes linhas, a Alma possui três atividades: inteligir o que lhe é anterior, conservar-se e agir sobre o que lhe é posterior. A estas atividades correspondem na alma humana respectivamente a dialética (*dialektiké*), o pensamento discursivo (*diánoia*) e o raciocínio (*logismós*) (cf. LACROSSE, 2003, p.120). De fato, tal distinção entre tais práticas discursivas não é tão evidente, pois, de um lado o pensamento discursivo confunde-se com o raciocínio. É o que ocorre, por exemplo, no tratado V, 3 [49], 2-3 quando Plotino explica como a alma humana faz o cotejo das impressões sensíveis com as inteligíveis. Por outro, é o pensamento discursivo que se torna dialético na medida em que vai realizando as práticas e operações dialéticas. Todavia, considerando tão-somente o tratado I, 3 [20], pode-se dizer que a dialética provém do mundo inteligível e volta-se para ele. A lógica, por sua vez, situa-se no âmbito do *logismós*, ou seja, é uma prática própria da alma agindo sobre o mundo sensível. Mais precisamente, sobre a linguagem.

O tratado I, 3 [20]: estrutura e temas

Plotino define a lógica e a dialética no tratado I, 3 [20], *Sobre a dialética*. A arquitetura do breve tratado I, 3 [20] é bastante simples, como pode ser visto sumarizadamente. O tratado divide-se em seis capítulos, sendo os três primeiros uma descrição de certas teses da dialética platônica, sob a autoridade do *Fedro* e do *Banquete*, mas também da *República*. Nos capítulos quatro e cinco, Plotino define a dialética e, porque ela não consiste em um método de análise da linguagem, vê-se compelido a definir a lógica. Com efeito, nestes dois capítulos, Plotino trata de estabelecer a diferença entre o que ele considera a verdadeira dialética e aquilo que as escolas filosóficas da sua época denominavam correntemente dialética, e que ele denomina lógica.³ Portanto, é destes dois capítulos que se ocupará o presente estudo, ao definir a lógica e a dialética. Todavia, não é escopo deste estudo

3 Como bem observa, em um valioso estudo, Leroux efetivamente se propõe a estudar o processo de separação entre a lógica e a filosofia (metafísica), tal como proposto por Plotino, e deslinda os elementos estoicos, peripatéticos e platônicos que constituem o plano de fundo do tratado em questão (LEROUX, 1974, p.180-92).

investigar as possíveis fontes platônicas, estoicas e peripatéticas que servem de referência a Plotino em cada diferente movimento do tratado. Pelo que, somente marginalmente e ocasionalmente, serão indicadas. Por sua vez, o sexto capítulo trata de dois temas, a divisão da filosofia e a ascensão pelas virtudes, podendo ser lido em conexão aos três primeiros, e ainda, ao tratado anterior, I, 2 [19], *Sobre as virtudes*. Isto posto, antes de entrar na análise dos capítulos quatro e cinco, faz-se mister mencionar alguns aspectos dos três primeiros e do sexto.

Nos três capítulos iniciais Plotino apresenta uma via metódica que conduz certos homens ao Bem e ao primeiro princípio. Ele ainda não denomina expressamente tal via pelo termo dialética, que é mencionado, no genitivo, pela primeira vez no tratado somente na última frase do terceiro capítulo e, no nominativo, na primeira frase do quarto capítulo. Ainda no final do terceiro capítulo, ele refere-se ao dialético (I, 3 [20], 3, 9), o que permite supor que estes três primeiros capítulos constituem um preâmbulo destinado a mostrar quais as condições e disciplinas propedêuticas à dialética propriamente dita. O ponto de partida do tratado é, com efeito, uma interrogação: “Qual técnica, qual método, qual conduta (*epitédeusis*) nos faz subir onde é preciso ir?” (I, 3 [20], 1, 1). Com esta pergunta, Plotino introduz três características da dialética, que é simultaneamente técnica, método e conduta, conforme ele mostra ao longo do tratado. Vale observar que esta é a única ocorrência do termo *epitédeusis* nas *Enéadas*. Este termo significa prática, incluindo o sentido de prática das virtudes, mas também ocupação, conduta; corresponde a *epitedeumata*, que aparece no *Banquete* 210 c, quando Diotima descreve a ascensão da alma em direção ao inteligível, designando, por extensão de sentido, a prática da virtude. Desta maneira, Plotino estabelece de início um elo conceitual entre a dialética e as virtudes. Mas também é possível entrever, através deste termo, uma continuidade entre o tratado *Sobre a dialética* e o tratado anterior, tanto cronologicamente, como na edição porfiriana das *Enéadas*, I, 2 [19], *Sobre as Virtudes*. Enfim, Plotino introduz os conceitos que definem a dialética, que para ele é um método de purificação ética, ou em outros termos, a disciplina a qual a alma se impõe para ascender ao Bem (CHARRUE, 2003, p.469). Uma vez respondida a questão inicial, Plotino estabelece que seja preciso chegar ao Bem ou primeiro princípio, não sendo este um ponto passível de discussão (I, 3 [20], 1, 2-4).

Mas, nem todos os homens são capazes de ascender ao Bem. Plotino, portanto, apresenta aqueles que podem ascender. Ele parte de uma frase de Platão, na qual é dito que o tipo de homem capaz de elevar-se é aquele que contemplou anteriormente as realidades, ou seja, o músico, o amante, o filósofo (I, 3 [20], 1, 5 ss; cf. *Fedro*, 248d). Para Plotino, neste contexto, cada um destes tipos de homem representa um nível distinto de ascensão. Efetivamente, Plotino afirma que há duas etapas para a ascensão, uma do sensí-

vel até o inteligível, e outra, para aqueles que já chegaram ao inteligível.⁴ Cada um dos três primeiros capítulos descreve um grau de ascensão, sucessivamente, representados pelos tipos de homens. Assim, após breve introdução ao tema do tratado, o primeiro capítulo ocupa-se do músico que, partindo das harmonias sensíveis, deve aperceber-se das relações de proporção e harmonia inteligíveis e da beleza que reside nesta harmonia. O músico pode tornar-se amante.

O segundo capítulo versa sobre o amante. Este lembra da beleza e necessita das belezas visíveis para transportar-se até a inteligível, comum a todos os corpos. É conduzido pela razão, entendendo que a beleza dos corpos é diferente da beleza inteligível, e que esta ocorre em maior grau nas belas ocupações (*epitédeuma*) e nas belas leis do que nos corpos.⁵ O amante então deve ser acostumado a amar o incorpóreo. Deve encontrar a beleza nas técnicas, nas ciências e nas virtudes; deve ver a unidade do belo e como ela se produz. E a partir das virtudes, o amante pode ascender ao Intelecto e ao ser. Então, diz Plotino encerrando o capítulo, o amante poderá empreender a segunda subida, a do alto.

O terceiro capítulo versa sobre o filósofo. O filósofo é naturalmente disposto à subida, necessitando tão-somente de orientação quando se sentir desorientado. Há que lhe ensinar matemática, a fim de que se acostume a compreender o incorpóreo e a ter confiança em si. E depois da matemática, proporcionar-lhe um treinamento na dialética (*dialektikês*) para que se torne um dialético (*dialektikón*). Sendo por natureza virtuoso, basta conduzi-lo ao aperfeiçoamento de suas virtudes.

Alguns elementos preliminares à definição da dialética podem ser percebidos nestes capítulos. Trata-se, em primeiro lugar, de uma via ascendente. Em segundo lugar, a ascensão constitui um aperfeiçoamento nas virtudes. Nesse sentido, a dialética, por um lado, constitui uma condição de acesso ao saber e às demais virtudes. Mas por outro lado, quem não possui as virtudes inferiores que são virtudes que existem de modo imperfeito sem a dialética, não pode se tornar um dialético. Este é, com efeito, o tema da segunda parte do sexto capítulo.⁶

O sexto e último capítulo do tratado, tido como sendo de difícil interpretação pelos comentadores, foi considerado, inclusive, escrito por Porfírio com o objetivo de acentuar o caráter moral de um tratado consagrado à dialética e à lógica. Porfírio teria procedido desta maneira com o fim de incluir o tratado no grupo I, 1-9, que é constituído de tratados morais.⁷ Entretanto,

4 Cf., I, 3 [20], 1, 12 sq.. Alusão a *Banquete* 210 a; *República*, VII, 532 a-b.

5 Cf., I, 3 [20], 2, 1-8. Ver *Banquete* 210 c, onde aliás ocorre o termo *epitédeumata*.

6 Cf., I, 3 [20], 6, 8-24.

7 Cf., LEROUX, G., *op. cit.*, p.181.

o contexto ético é de suma importância para a justa apreciação do acentuado caráter platônico do desenvolvimento da dialética, de tal modo que este texto poderia ser considerado parenético, como observa Leroux.⁸ Ademais, sendo a dialética um método apropriado à virtude, ela se distingue da lógica, a qual não tendo relação com as virtudes, é vista como um exercício prévio à purificação da alma.

Neste sentido também pode ser lida a primeira parte do capítulo, que mostra o elo entre a dialética e as outras partes da filosofia, a física e a ética, mostrando que a dialética é, dentre elas a mais preciosa. Ora, a lógica não constitui uma parte da filosofia, sendo, sob este ponto de vista, distinta da dialética. Entrementes, a lógica afigura-se como uma parte propedêutica do método dialético, haja vista que se restringe ao mundo sensível. Pode-se, agora, apresentar a definição de lógica e de dialética que se encontra nos capítulos quatro e cinco do tratado *Sobre a dialética*.

Lógica

Segundo Plotino a lógica (*logikén*) trata de proposições e silogismos,⁹ podendo ser caracterizada como uma técnica de análise da linguagem que, versando sobre palavras, não se ocupa das formas. Esta distinção é importante para definir os limites da lógica. Porém, para que fique efetivamente clara, é mister verificar a relação entre linguagem, pensamento discursivo e Intellecto, observando que este é a sede das formas.

Plotino, em V, 5 [32], 5, 22-25 faz coincidir a gênese das palavras com a do próprio Intellecto. Ao nascer, o Intellecto tenta imitar o Uno e irrompe nestas vozes: ente (*ón*), ser (*tò eínai*), essência (*ousía*), lugar (*hestían*). Estas vozes significam a vinda à existência de quem as pronuncia. As palavras noéticas, sendo as primeiras palavras, constituem a forma das palavras sensíveis. Ou seja, no inteligível, ser e dizer se implicam mutuamente. O mesmo não se aplica à linguagem proposicional, ou à linguagem humana de modo geral, que não implica propriamente o ser, mas na qual o dizer pode, quando muito, explicar, desdobrar o ser na sucessão lógica. Em outros termos, a linguagem humana, entoada no discurso materializa as silentes palavras inteligíveis. Segundo Plotino, a linguagem tem o ar por matéria,¹⁰ donde deduz-se que o elemento fônico corporifica, exterioriza o pensamen-

8 Cf., LEROUX, G., *idem, ibidem*.

9 Cf., I, 3 [20], 4, 19.

10 Cf., VI, 1 [42], 5, 5. Observe-se que neste tratado Plotino se refere explicitamente à linguagem falada.

to discursivo, possibilitando o diálogo. Assim, a linguagem é o modo propriamente sensível de expressar o pensamento discursivo na sucessão do antecedente e do conseqüente, do princípio e da conclusão, enfim, da consecução lógica (*akolouthía*).¹¹

Voltando ao tratado I, 3 [20], no capítulo 5, Plotino menciona os procedimentos da lógica, ou seja, as regras (*kanónes*) e os teoremas. O que se lê na linha 20, por exemplo, “negar o conseqüente é afirmar o contrário do antecedente”, é uma regra lógica.¹² Por teoremas Plotino parece entender um conjunto de fórmulas lógicas, que assim como as regras constituem um instrumento (*órganon* – linha 10) para o filósofo. Todavia, teoremas vazios (*psilá theorémata* – linha 11) e fórmulas meramente verbais, não são de interesse para o filósofo. Há de se observar, contudo, que tanto o termo *kanónes* como *theorémata* em outras passagens das *Enéades*, notadamente no tratado V, 3 [49], referem-se a princípios que o Intellecto fornece para o pensamento discursivo. Portanto se em I, 3 [20] 5, denotam um registro lógico, é por se referirem apenas a proposições e silogismos.

Tanto as proposições como as regras, Plotino considera movimentos da alma (*tà kinémata tês psychés*).¹³ Uma vez que a lógica serve-se de um movimento da alma (a regra, o teorema) para versar sobre outro movimento da alma (a proposição), ela não conduz a alma ao repouso próprio do inteligível. Efetivamente, ainda que admita a lógica como algo necessário ao caminho de ascensão dialético, Plotino afirma que na unidade do inteligível e em repouso, a alma considera a lógica e a abandona.¹⁴ Ora, a alma chega à unidade após haver percorrido o inteligível dialeticamente – ponto este que será examinado a seguir. No momento, detenhamo-nos em uma indagação: por que considerar e abandonar a lógica quando se está em repouso, na unidade? Quiçá porque o critério de verdade das proposições só possa ser aferido a partir do ser. Ou, dito de outro modo, a verdade do dizer reside no ser e por fim, no princípio do ser. Se o ser, a essência, a forma das palavras, vem do Intellecto, justifica-se o motivo pelo qual ao chegar à unidade inteligível a alma aperceba-se dos limites da lógica e dos próprios limites da linguagem humana. Uma vez que o objeto da dialética não é a linguagem, mas sim o ser, ao encontrá-lo a dialética não pode mais se ocupar com regras de análise da linguagem. Isso significa abandonar a lógica. Assim, a dialética põe

11 Cf., JANKÉLÉVITCH, V., *Plotin, “Ennéades” I, 3*. Paris: Cerf, 1998, p.62.

12 “Se é dia, há luz, mas se não há luz, conseqüentemente não é dia” (*SVF II*, 242 = Sexto Empírico, *Adv. Math.*, VIII, 223). Ao longo do capítulo 5, Plotino parece aludir a certos axiomas lógicos encontrados em Sexto Empírico e Crisipo.

13 Cf., I, 3 [20], 5, 19-20.

14 Cf., I, 3 [20], 4, 16-20.

a lume as condições e limites da lógica, permitindo conseqüentemente atingir o mais completo conhecimento da sua natureza.¹⁵

Dialética

Plotino define a dialética como disposição (*héxis*) que permite declarar por meio dos discursos (*lógoi*) o que é o inteligível.¹⁶ Com efeito, ele considera a dialética como sendo a disposição mais preciosa (*timiotáten héxin*) que se encontra em nós porque ela versa sobre o ser, isto é, sobre o inteligível.¹⁷ Assim, falar com veracidade sobre o ser só é possível exatamente porque a dialética é considerada um modo de saber discursivo através do qual a alma percorre e divide o inteligível em gêneros e espécies, para por fim chegar à unidade. Isso significa que o *télos* da dialética é levar a alma a repousar, ainda que precariamente, na unidade.

Ora, é consabido que todo caminho ascendente, nas *Enéadas*, tem uma via descendente que lhe corresponde. Por conseguinte, se a dialética permite à alma atingir o Intelecto, é exatamente porque a alma recebe do Intelecto os princípios da dialética, desde que seja uma alma capaz de recebê-los. Então a alma pode pôr em obra as operações dialéticas: ela compõe (*syntíthesi*), combina (*symplékei*) e divide (*diarefē*) as formas inteligíveis, até atingir o Intelecto perfeito.¹⁸ Para fundamentar este ponto, Plotino menciona Platão e, subliminarmente, passa a associar a dialética ao seu aspecto ético. A dialética é, assim, “o que há de mais puro no intelecto e na sabedoria prática (*phronéseos*)”.¹⁹ Observando brevemente a teoria das virtudes nas *Enéadas*, verifica-se que a sabedoria prática (*phronesis*) possui um duplo aspecto refletindo a pertença do homem tanto ao sensível, como ao inteligível. Assim, ela é virtude para a alma, e atividade pura para o Intelecto. O mesmo vale para a sabedoria (*sophía*).²⁰ Dessarte, as virtudes permitem à alma separar-se do sensível, isto é, desligar-se dos afetos, e voltar-se para o inteligível, ou seja, contemplar o ser. Portanto, elas conduzem a alma humana em direção ao Intelecto, permitindo que a alma se assemelhe a ele. Isto posto, compreende-se a associação entre ética e dialética: Plotino, após in-

15 Cf., VERRA, V. *Dialettica e filosofia in Plotino*. Milano: Vita e Pensiero, 1992, p.68.

16 Cf., I, 3 [20], 4, 2-3.

17 Cf., I, 3 [20] 5, 5-6.

18 Cf., I, 3 [20] 5, 1-4.

19 I, 3 [20] 5. Alusão ao *Filebo*, 58 d 6-7. O termo intelecto aqui não parece referir-se ao Intelecto hipóstase, mas ao intelecto da alma, isto é, à parte meramente intelectiva da alma, que não está em contato com o mundo sensível, pois permanece sempre ligada ao Intelecto supremo.

20 Cf., I, 2 [19] 6, 13-15.

trouzer o conceito de sabedoria prática no tratado *Sobre a Dialética*, afirma que, como sabedoria prática, a dialética concerne ao ser; como intelecto, concerne ao que está além do ser.²¹

Após vincular dialética e ética, Plotino introduz outro ponto: a dialética não é um simples instrumento para o filósofo, posto não estar restrita a regras.²² Ora, isso não significa que a dialética prescindia absolutamente de regras, pois se ela versa o ser e coisas reais, se aproxima deles com método (*hodôî*) possuindo ao mesmo tempo os teoremas e as realidades.²³ Vale observar que o termo normalmente traduzido por método nesta passagem, *hodôî*, é o dativo de *hodós*, cujo sentido próprio é “caminho”. O dativo instrumental expressa a idéia de espaço percorrido. É possível então compreender a passagem deste modo: por um caminho metódico a dialética atinge os seres. A insistência na noção de caminho decorre de considerações feitas no capítulo 1 do tratado *Sobre a dialética*, onde Plotino diz que a ascensão até o princípio é um caminho que se cumpre em duas etapas, a primeira do sensível até o inteligível e a segunda, do inteligível até o Uno.²⁴ A dialética tendo por objeto o inteligível constitui a segunda parte do caminho. Assim, o conjunto de procedimentos de que se serve para chegar ao Intelecto constitui o método ou, em outros termos, o caminho metódico. Como pois opera a dialética para atingir o repouso? Vejamos, ainda que brevemente, como se caracteriza o procedimento dialético.

A dialética possuir os teoremas junto com as realidades não parece estar em desacordo com o abandono da lógica. Efetivamente, uma vez que ela não se ocupa com o objeto da lógica, ou seja, as proposições, não há motivos para seguir procedendo sua análise. Entretanto, se os teoremas e as regras têm sua origem no Intelecto, que também é onde a dialética encontra seus princípios, isso aponta para um outro aspecto: o caminho metódico da dialética também faz uso de procedimentos lógicos. Com efeito, ao apresentar o objeto da dialética, Plotino diz inicialmente que a mesma trata do Bem e do que não é o Bem; determina quantas coisas estão sob o Bem e quantas são o seu contrário. Define o eterno e o não eterno por meio de uma ciência e não de opinião.²⁵ Ou seja, determinar as coisas e seus contrários, assim como qualificar e quantificar são procedimentos lógicos de que a di-

21 Cf., I, 3 [20] 5, 7-8. A expressão “além do ser” alude à *República*, 509 b9.

22 Cf., I, 3 [20] 5, 8-11.

23 Cf., I, 3 [20] 5, 12.

24 Quanto ao vocabulário que denota a idéia de “caminho”, no capítulo 1, Plotino usa os substantivos *anagogé* (ação de conduzir para o alto – linhas 5, 18; da mesma família *anágei* linha 2), *poreia* (trajeto, viagem – linha 12), os verbos *poreúo* (transportar, conduzir – linha 15), *anabaíno* (subir – linha 13).

25 Cf., I, 3 [20] 4, 6-9.

alética se utiliza para determinar seu objeto. Uma vez separado o que pertence ao sensível daquilo que pertence ao inteligível, a dialética deixa de perambular pelo sensível, fixando-se no inteligível e então limitando a ele sua atividade.²⁶ É preciso advertir, no entanto, que mesmo separando conceitualmente o inteligível do sensível, em nenhuma parte do tratado I, 3 [20], Plotino afirma que o sensível constitua objeto da dialética. A expressão “perambular pelo sensível” aqui usada remete mais especificamente a este movimento de reconhecimento e distinção dos dois mundos, no qual evidentemente é preciso determinar os limites de cada um e, portanto, ainda que sumariamente, percorrê-los. Mas tal movimento é como um prelúdio à dialética, a qual, segundo Santa Cruz “é o único modo de saber que permite apreender e desenredar a complexa estrutura do inteligível e encontrar seus gêneros primeiros”.²⁷

Por conseguinte, a dialética procede de acordo com um caminho metódico que é a própria definição das formas, seres ou essências inteligíveis. Ao definir os seres, determina as semelhanças e diferenças entre eles, o lugar que ocupam dentre os gêneros e a classe, ou seja, o gênero a que pertencem. Embora o tratado I, 3 [20] não forneça quaisquer explicações sobre os gêneros, pode-se considerar que Plotino está retomando os cinco gêneros supremos do *Sofista*: ser, movimento, repouso, mesmo e outro. Não é o caso aqui de adentrar a tese plotiniana dos gêneros, exposta em um tratado tardio, VI, 2 [43], mas tão-somente mencionar que os gêneros são considerados princípios constitutivos do Intelecto. São eles que estruturam o mundo inteligível e o revelam ao dialético. Assim sendo, a definição cumpre-se pelo método da divisão (*têi diairései*), que segundo Plotino consiste em separar (*diákrisis*) as formas até que se determine o que é (*tò tí esti*) cada forma e então chegar aos gêneros primeiros. A seguir, a dialética entrelaça os gêneros, percorrendo o inteligível, isto é, fazendo a síntese, e depois pelo caminho inverso, a análise, chega ao princípio de onde partiu, ou seja, à unidade, à imobilidade (*hesykhía*) do Intelecto.²⁸ O termo análise aqui deve ser entendido no sentido etimológico: um movimento de subida ao princípio e de liberação. É a análise que permite reunir, juntar a multiplicidade inteligível na unidade. Eis porque a dialética permanece no repouso enquanto estiver no inteligível.²⁹ Justamente neste ponto vimos que a dialética considera e abandona a lógica. E poderíamos pensar que na imobilidade,

26 Cf., I, 3 [20] 4, 9-10.

27 SANTA CRUZ, M. I. “Filosofia y dialéctica en Plotino”, *Cuadernos de Filosofía*, 39 (1993), 5-21, p.11.

28 Cf., I, 3 [20], 4, 12-16.

29 Cf., COLLETTE, B. *Dialectique et hénologie chez Plotin*. Bruxelles: Ousia, 2002, p.83.

no silêncio, também cessa a atividade dialética. Se isso fosse lícito, por que então Plotino apresenta a dialética como o hábito que permite declarar por meio dos discursos o que é o inteligível? Ainda que o tratado I, 3 não verse sobre os discursos dialéticos, ou, de modo geral, sobre a linguagem e seus limites, gostaria de concluir apontando, primeiro, brevemente para a relação entre linguagem e filosofia. Finalmente, para o aspecto ético da dialética. Me parece que este último ponto, em especial, permite compreender a especificidade da dialética em relação à lógica.

Considerações finais

Vimos qual é a atividade da dialética e seu objetivo: procedendo pela divisão, ela distingue os gêneros, e depois, pela síntese os torna a entrelaçar. Pela análise, finalmente atinge a unidade. Ao encontrar os gêneros, pode-se dizer que chega nas premissas de uma definição correta das formas, dos seres inteligíveis. É isso o que permite à dialética formular conceitualmente e declarar por meio dos discursos o que é o inteligível. Em síntese, podemos agora dizer que a dialética é uma prática que, recebendo seus princípios do Intellecto, constitui-se como um saber através do qual (*dia*) ascende discursivamente (*lektiké*) da multiplicidade inteligível até a unidade. Quando finalmente chega na unidade, em uma retração supradiscursiva, repousa. Nas palavras de Jankélévitch, a dialética tende “a reunir os conceitos esparsos nos nossos teoremas e silogismos substituindo ao laço exterior da cópula ou da *akolouthía* (consecução lógica) esta imanência do inteligível a si mesmo”.³⁰ Segundo ele, os termos lógicos gramaticalmente justapostos, “vão se fundindo e se absorvendo mutuamente, se esclarecendo no sistema perfeitamente diáfano que é o universo inteligível!”³¹ na medida em que a dialética segue seu curso. Porém, cabe observar que este silêncio inteligível não significa o fim da linguagem, apenas do que poderíamos chamar “discursividade languageira”.³² Efetivamente, como vimos as palavras nascem com o Intellecto, por conseguinte, a retração supra discursiva é o reencontro do fundamento da linguagem, onde ser e dizer coincidem.

Por fim, não se deve obliterar que a dialética é uma disposição e, igualmente, uma conduta. Estes termos introduzem o elo entre dialética e ética, o qual finalmente se torna explícito quando Plotino afirma que, entendida

30 JANKÉLÉVITCH, V., *op. cit.*, p.78.

31 *Idem, ibidem.*

32 Segundo Collette, esta *discursivité langagière* é a alteridade característica de todos os modos de expressão próprios à alma no corpo, “uma alma que deve projetar em uma quase-terioridade o que, na Inteligência, é um todo compacto e reunido sobre si mesmo” (COLLETTE, B., *op. cit.*, p.72).

como sabedoria prática, a dialética concerne ao ser. Ora, é consabido que a sabedoria prática é uma das virtudes que conduzem a alma à purificação. Quando a alma volta-se para o Intelecto, esta virtude associa-se à dialética, pois através dela, a alma contempla o ser inteligível. Não sendo possível, dados os limites deste estudo, adentrar na complexa teoria plotiniana das virtudes, apenas se tentou pontuar o aspecto ético da dialética, pois este parece ser finalmente, o elemento distintivo entre lógica e dialética. Afinal, a lógica, caracterizada como uma técnica de análise da linguagem, não tem nenhuma relação com as virtudes. Por conseguinte, não representa um caminho de ascensão rumo à unidade.

Com efeito, não se pode omitir que a filosofia de Plotino tem como pilar principal a união da alma humana com o primeiro princípio, também designado Uno, ou Bem. Ora, esta união pode perfazer-se por diferentes vias, mencionadas sumariamente no tratado *Sobre a dialética*. Ao percorrer o *corpus* plotiniano tentando compreender as outras duas vias, a do músico ou artista, e a do amante, mormente apresentadas nos tratados I, 6 [1], *Sobre o belo* e III, 5 [50], *Sobre o amor*, percebemos que o elemento comum aos três caminhos é a purificação da alma através das virtudes. Por isso, talvez, a filosofia de Plotino possa ser apropriadamente considerada ética. E também por isso, provavelmente, ele tenha relegado a lógica ao abandono no momento em que a alma atinge o inteligível. Quanto à dialética, parece tratar-se de um aperfeiçoamento mútuo da virtude e do conhecimento. Por isso, para Plotino, não há dialético que não possua as virtudes.

OLIVEIRA, Loraine. Notes on logic and dialectic in *Enneads* of Plotino. *Trans/Form/Ação*, (São Paulo), v.30(2), 2007, p.167-178.

- ABSTRACT: This article aims to characterize logic and dialectic in *Enneads* I, 3 [20] 4-5. For Plotin, logic is a whole of proceedings that deals with propositions and syllogisms whereas dialectic is a method that employs logical proceedings. Nevertheless, dialectic is also an disposition through which the structure of the intelligible can be understood. So, it is a way towards the One. Thus, it has a ethical aspect.
- KEYWORDS: Plotino; logic; dialectic; method; disposition; ethics.

Referências bibliográficas

- COLLETTE, B. *Dialectique et hénologie chez Plotin*. Bruxelles: Ousia, 2002.
- JANKÉLÉVITCH, V. *Plotin, "Ennéades" I*, 3. Paris: Cerf, 1998.
- LACROSSE, J. *La philosophie de Plotin. Intellect et discursivité*. Paris: PUF, 2003.

- LEROUX, G. "Logique et dialectique chez Plotin", *Phoenix*, 28 (1974), 180-192.
- PLATÃO. *República*. Introdução, tradução e notas de M. H. da Rocha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- PLATON. *Le Banquet*. Traduction inédite, introduction et notes par L. Brisson. Paris: Flammarion, 2000.
- _____. *Phèdre*. Traduction inédite, introduction et notes par L. Brisson. Suivie de *La pharmacie de Platon* par J. DERRIDA. Paris: Flammarion, 2000.
- _____. *Philèbe*. Oeuvres complètes, tome IX – 2 partie. Texte établi et traduit par A. Diès. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- PLOTIN. *Enéades. Traités 7-21*. Traduction sous la direction de L. Brisson et J.-F. Pradeau. Paris: Flammarion, 2003.
- _____. *Enéadi. Plotini Opera*, Scriptorum classicorum Bibliotheca Oxoniensis. Introdução e notas: HENRY, P. & SCHWYZER, H.-R. Oxford, Univ. Pr. (Editio minor), vv. I-III, 1964-1982.
- PLOTINO. *Enéadas*. Introducciones, traducciones y notas de J. Igal. vols. I-III. Madrid: Gredos, 1992.
- SANTA CRUZ, M. I. "Filosofia y dialéctica en Plotino", *Cuadernos de Filosofía*, 39 (1993), 5-21.
- SEXTUS EMPIRICUS. *Contre les professeurs*. Sous la direction de P. Pellegrin. Paris: Seuil, 2002.
- VERRA, V. *Dialectica e filosofia in Plotino*. Milano: Vita e Pensiero, 1992.